AS BLUSAS-VERDES E AS MARCHADEIRAS. MOVIMENTOS DE MULHERES E DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NOS ANOS 30 E 60

THE "GREEN BLOUSE"S AND THE "MARCHADEIRAS". WOMEN'S MOVEMENT AND THE POLITICAL PARTICIPATION IN THE 1930S AND 1960S. BRAZIL

Lidia M. Vianna Possas*

Universidade Estadual Paulista/ UNESP

Resumo

Compreender as manifestações políticas das mulheres no atual cenário nacional analisando a historicidade e complexidade dos movimento de mulheres, suas contradições frente às ações femininas/feministas no espaço publico e político. Para tanto pontuo os anos 30, com as "blusas verdes" e 60 com as "marchadeiras" evidenciando como esses movimentos de natureza conservadores e de tendências fascistas assumiram ações organizadas e agindo na contra mão dos espaços democráticos e das lutas pela ampliação de diretos e de participação política defendendo a manutenção de um *status quo*, das permanências de práticas femininas tradicionais. Aquelas mulheres vivendo em conjunturas de maior visibilidade feminina e de resistências aos governos autoritários assumiram posicionamentos refreando os avanços que estavam em jogo, contribuindo para o refluxo diante da conquista de direitos e de equidade de gênero.

Palavras-chave: Movimentos femininos. Blusas verdes/Integralistas. Marchadeiras. Participação política.

* Lidia M. V. Possas é Pós doutora junto ao Programa Interdisciplinar de Ciências Humanas e o do Instituto de Estudos de Gênero/ UFSC. Realizou doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo /USP (1999) e Mestrado em Historia (UNESP/Assis) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1992). Possui graduação em Historia pela Universidade Federal Fluminense/UFF (1968), e graduação em Supervisão Escolar (1984), em Estudos Sociais (1978) e Pedagogia (1980). É pesquisadora e docente da Universidade Estadual Paulista/ UNESP (São Paolo–Brasil). Coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero/LIEG da UNESP, campus de Marília (http://www.culturaegenero.com.br) atuando nos Cursos de Relações Internacionais e Ciências Sociais. Publicações: Mulheres Trens e Trilhos, Modernidade no sertão paulista. Bauru. EDUCS, 2001 e vários artigos abordando a inserção das mulheres no processo de urbanização e estudos das relações de gênero, desenvolvendo atualmente pesquisa sobre a viuvez feminina nos Anos de Chumbo no Brasil e Argentina.

Abstract

Understanding the women's political manifest at the present national scenario through analyzing the historicity and complexity of women's movement and their contradictions regarding females / feminists actions in public and political areas. Thus, I give emphasis to the 30s and its "green blouses" and 60's with "the marchadeiras" showing how those conservatives movements and their facist trend took on organized actions. And, also acting on the opposite way of democratic areas and the struggles for increasing the rights and advocating the maintenance of a status quo, keeping female traditional practices. Those women, who were living in the most visible female conjunctures and resistance to authoritarian governments, have taken positions that were holding back the progress in the game, contributing to reflux before the conquest of rights and gender equity.

Key words: Women's movement. Green blouses/Integralism. Marchadeiras. Political parctipation.

***

As blusas-verdes e as marchadeiras representaram ambas uma forma de inserção feminina no espaço publico que apesar de assumirem comprometimento político, não lhes garantiram maior autonomia política. Esses movimentos de mulheres vivenciados em temporalidades distintas e conjunturas especificas do país, as décadas de 30 e 60, merecem destaque diante da incumbência de arregimentação da opinião pública, na qual tiveram sucesso.

Conhecer a atuação dessas mulheres no âmbito do político em nosso pais, colabora para ampliarmos a compreensão sobre as possibilidades da presença e formas de liderança feminina fora dos modelos de uma militância mais convencional.

Sabemos que o recrutamento e a liderança de mulheres mesmo em dias atuais é ainda motivo de muito estranhamento, gerando comentários muita vezes irônicos como se elas ainda estivessem fora do lugar.

Nas últimas eleições para a presidência da República no Brasil (outubro/2010) isso ficou evidente. Pela primeira vez no país concorreram duas candidatadas, vencendo a mineira, Dilma Rousseff com expressiva vantagens de votos (56,05%) após uma exaustiva e desgastante campanha de difamação que demonstrou que a equidade de gênero[1] ainda é um assunto polêmico e desconfortável para a sociedade e para as agremiações políticas que também não conseguem preencher a cota de 30% para mulheres exigidas pela Lei eleitoral[2] brasileira diante da necessidade de se ajustar aos novos tempos.

Essa constatação, no entanto, não quer dizer que as mulheres brasileiras somente recentemente passaram a ter uma maior inserção na política e em movimentos sociais exigindo um espaço de representatividade e de direitos. Também não devemos afirmar que esse interesse- de uma vida politizada - seja inerente de mulheres, intelectuais de uma

[1] "Gênero" é a palavra que veio reforçar uma questão, ou melhor um problema: as diferenças entre os sexos, ou seja os perfis, os comportamentos tidos como masculino e feminino são construções sociais e são produzidos em tempos, espaços e culturas distintas. Assim, os papéis atribuídos a homens e mulheres e a relação sociais entre os sexos não são discursos neutros, mas representações repletas de significados e relações de poder (Possas, 2004).

[2] Lei Eleitoral 12.034/09 prevê a obrigatoriedade de preenchimento da cota de 30% para os partidos e coligações. O Brasil fica abaixo de países com Angola, Moçambique e Argentina que atingem 40% (Observatório Brasil de Igualdade de Gênero - Mulheres nas Eleições de 2010).

militância de esquerda nas lutas contra o regime militar (1964-1984) ou de engajamento em movimentos feministas[3].

Para tanto, retomo dois períodos da história política brasileira recente, os anos 30 e 60, visando observar atuações de mulheres em movimentos femininos e não propriamente feministas, de distintas colorações político-ideológicas que rompendo o isolamento tradicional da mulher "esposa, mãe e dona de casa" se engajaram em ações coletivas de cunho politizado e "com grande estardalhaço" na imprensa nacional. Elas partiram para uma ação pública, deixando a proteção do lar e se lançando às ruas, nos comícios nas praças bem como tomaram a palavra em jornais nas principais cidades do país através de campanhas e manifestações que tinham objetivo de arregimentar outras mulheres e de reforçar a opinião pública com fortes apelos ideológicos.

Portanto pretendo colocar luz sobre os dois grupos de mulheres assinalados acima que tiveram uma organização e objetivos políticos evidentes: as militantes integralistas, conhecidas como as *blusas-verdes* da Ação Integralista Brasileira/AIB (1932-1938)[4] e as marchadeiras, ou "guerrilheiras perfumadas"[5] que sem a preocupação de alterar o papel de donas de casa e exigirem direitos políticos, foram capazes de arregimentar a opinião pública brasileira. As primeiras, surpreenderam a sociedade nos anos 30 desfilando em cortejos políticos devidamente uniformizadas e com gestualidade típica dos movimentos fascistas europeus; e as "marchadeiras" dos anos 60 organizaram grandes manifestações conquistando as ruas com os "rosários nas mãos", mobilizando a a sociedade e colocando um contingentes significativos de pessoas nas "Marchas da Família com Deus pela

[3] Movimento social e político da 2º metade do sec. XIX que visava defender a igualdade de direitos das mulheres na sociedade. Em seu processo histórico é apresentado em "ondas": a primeira foi das "sufragista" que lutaram pelo acesso ao voto, no séc. XIX e início do XX; a segunda "onda" defendia a igualdade legal e social para as mulheres, nos anos 60 -70 do sec. XX e a terceira "onda", a partir dos anos 90 , veio aprofundar os debates e enfrentar a diversidade e pluralidade existente no âmbito das lutas das mulheres.

[4] AIB foi um movimento de natureza fascista fundado em outubro de 1932, em São Paulo por Plínio Salgado, sendo essencialmente composto por homens. Somente em 12/1934, diante da expressiva demanda feminina nos núcleos foi criado o Departamento Feminino e da Juventude transformando-se em 1936 em Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e de Plinianos (diga-se crianças).

[5] Essa denominação apareceu Diário de Notícias de 8/09/1965 bem com o qualificações como "as elegantes e frágeis, como convém a qualquer mulher", "mãe brasileira" para identificar aquelas mulheres, que se apresentavam como donas de casa, mães de família e que em nome de Deus organizavam marchas, procissões cujo propósito era defender a nação contra o perigo do comunista (Simões, 1985: 45).

Liberdade"[6] em diversas capitais e cidades brasileiras para a ação política de grande porte e movimentação que antecedeu e apoiou o golpe militar de 1964.

Esses movimentos femininos foram liderados por mulheres, senhoras e senhoritas, de distintos segmentos médios que na condição de esposas e filhas de profissionais liberais, empresários e da elite militar, quase todas com escolaridade ou normalistas, obtiveram o espaço político com apoio e recursos dos mais variados, como os jornais, a rádio e a televisão no recrutamento e arregimentação de muitas outras mulheres e de uma parcela da população masculina.

Ambas, tanto as integralistas/blusas-verdes com o as marchadeiras fizeram, a sua maneira, parte da história política da República desse país.

AS INTEGRALISTAS: "*CÉREBRO DE HOMEM, FÍSICO DE MULHER E CORAÇÃO DE CRIANÇAS ...*"

Eram essas palavras que figuravam em várias jornais e periódicos que a AIB - Ação Integralista Brasileira possuía circulando em todo território nacional, de modo a qualificar "aquelas" mulheres que adentravam ao movimento nos idos de 30. A doutrina integralista defendia a construção do Estado Integral, através da manutenção de um sistema rígido e disciplinado de relações e órgãos hierarquizados e seletivos de cidadãos. Apesar de formular um discurso de "revolução" reforçava as bases tradicionais e conservadora de uma sociedade patriarcal-machista, onde a presença feminina poderia ser incorporada politicamente, desde que se mantivesse as idéias basilares da constituição familiar, do sentimento cristão, sem esquecer "*nunca de sua condição de mãe, esposa, filha".*

No entanto para que essa agremiação política atingisse a presidência da Republica, seu maior propósito, era preciso aproveitar o momento histórico que o país vivia: de um lado a redemocratização com as prerrogativas e garantias institucionais abertas pela nova Constituição de 1934; de outro a intensa urbanização e modernização do país que colocou as cidades em cena, como espaços de multidão reivindicando maior representatividade.

[6] As "Marchas" levaram às ruas multidões e ocorreram nas principais capitais do país, tendo o apoio de varias entidades civis e religiosas. Para citar alguns exemplos: São Paulo com 500 mil manifestantes em 19/03/64; Rio de Janeiro, 1 milhão de pessoas em 2/04/64; Belo Horizonte, 200mil em 13/05/64; Recife com 200 mil em 10/04/64 e Florianópolis reunindo 50 mil em 15/05/64(Simões, 1985: 105).

Nesse novo cenário e com a possibilidade do voto feminino concedido desde 1932[7] as mulheres ganharam maior visibilidade nas ruas, nas praças, nos comícios. Com a legalização do acesso à vida política muitas delas de variados segmentos médios viram a possibilidade de assumir esse novo lugar de militância política feminina e com isso procuraram as sedes da AIB nas capitais e núcleos recém instalados nas cidades brasileiras. Estima-se que fundada no início de 1932 a agremiação arregimentou mais de um milhão de pessoas de norte a sul do país (Cavalari, 1999: 34)[8].

E no movimento do Sigma[9], como também era conhecido, segundo os documentos oficiais da AIB as mulheres foram convocadas chegando a ter uma participação quantitativamente expressiva, conforme informações divulgadas às vésperas das eleições presidenciais, abordadas pelo golpe de Getulio Vargas em 1938: *(...) mais de 100.000 senhoras e moças no país se empenham como enfermeiras, professoras e visitadoras de bairros humildes, na obra social portentosa do movimento"*[10] .

Mas de que forma deu-se essa atuação? Conseguiram conciliar os papéis femininos tradicionais com as novas exigências de comportamentos de uma agremiação com a disciplina e a hierarquia de funções da AIB?

[7] O direito ao voto feminino foi obtido por meio do Código Eleitoral Provisório, instituído pelo Decreto de Getulio Vargas de n° 21.076 em 24 de fevereiro de 1932.

[8] Há uma controvérsia sobre o real percentual quantitativo dos militantes na AIB. Cavalari, "Integralismo, ideologia e organização de uma partido de massa no Brasil", 1999, enfoca os dados oficiais do Monitor Integralista de 7/10/ 1937 onde atingiu precisamente a 1.352.000 militantes; Aggio et alli, *Política e Sociedade no Brasil (1930-1964),* 2002, ressalta que chegaram "a cerca de 200 mil pessoas por volta de 1937".

[9] O Sigma, letra grega que indica soma, corresponde, no nosso alfabeto, à letra 'S'. Na AIB, esse símbolo tinha como objetivo lembrar que o movimento tinha o sentido de integrar todas as forças sociais do país como a suprema expressão da nacionalidade (Cavalari, 1999: 191).

[10] Salgado, Plínio (1937) *Páginas de Combate.* Rio de Janeiro, Antunes, pp.48-49.

As blusas –verdes, aparecem fotografadas em um comício. As singularidades são neutralizadas pela idéia do conjunto uniformizado, como defendia o estado Integral Integralista; Fonte: Arquivo do APERJ [11]

A inserção das mulheres como dos homens na AIB não se deu de maneira aleatória ou mesmo improvisada. A doutrina integralista preocupava –se com o ingresso seus membros definindo os comportamentos, as hierarquias através de rituais de admissão. Ser militante deveria ser vivenciado através dos corpos que devidamente uniformizados simbolizavam a organização e o sentido ideológico da agremiação e de integração de seus membros. Quaisquer marcas pessoais ou criação subjetiva na vestimenta, por exemplo, contrariava o que dispunha os regimentos e protocolos que regiam a vida publica e privada dos militantes [12].

Diante de uma demanda expressiva de mulheres solteiras e casadas que se dispunham a integrar a AIB, o espaço político era garantido na agremiação mais foi preciso burilar, revestir essa mulher de um perfil mais adequado à uma militância controlada e obediente: na condição de integralistas, elas (blusas –verdes) recebiam instruções através de publicações oficiais como a Anauê!, uma revista "ilustrada"[13] de distribuição nacional e

[11] Há uma conjunto de fotografias produzidas pela AIB e militantes apreendidas pela Polícia Política do Estado Novo. Consta do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), Fundo Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS), Série Integralismo.

[12] "Plínio, com que roupa eu vou?"!": as roupas como elemento unificador da ação integralista brasileira" Vieira, Samuel Mendes e Gonçalves, Leandro Pereira (2010). *CES Revista* (CES/JF. Impresso), v. 24, pp. 175-187.

[13] A *Anauê! e*ra uma revista considerada "ilustrada". Chamava a atenção pela presença de imagens fotográficas com propagandas de produtos de consumo, cobertura de eventos nacionais e internacionais e ainda uma coluna social divulgando os nascimentos, os casamentos e falecimentos dos militantes e simpatizantes. Havia ainda um espaço para as mulheres que ingressavam em seu

mensal que fazia questão não só divulgar essa presença como de eventos onde tinham ampla participação.

As imagens evidenciavam as militantes, devidamente trajadas e organizadas como em uma disciplina típica das Escolas Normais na época. E a aparência típica de uma sociedade patriarcal normatizada era uma maneira de encorajar as novas adesões de famílias das elites pois deixava claro que o Integralismo era um movimento político que sabia respeitar e conservar as tradições familiares e principalmente as maneiras de recato comedido, qualidades exigidas para as senhoras e moças de família. A revista fornecia ainda em suas "seções" artigos variados e "matérias" especiais para uma leitora feminina.

A revista Anauê! circulou de 1935 até 1937 com uma regular periodicidade e mantendo uma Seção Feminina que informava a participação das blusas-verdes.
Anauê!, n. 2, maio/1935, p. 35; n. 22, dez/1937, p. 31

Nas suas "matérias" literárias a AIB deixava transparente a visão que possuía sobre a presença feminina no âmbito do público e, principalmente do político frente às mudanças comportamentais que a modernidade dos novos tempos introduzia no seio da sociedade brasileira. As mulheres estavam sendo motivadas pelo rádio e pelo cinema, principalmente de Hollywood, para viver outras práticas e sentir-se "modernas"[14].

Departamento feminino, apresentando a "moda integralista" conforme a ilustração acima (Silva, 2005).

[14] No trabalho que realizei com as mulheres ferroviárias nos anos 30 e ouvindo seus depoimentos, percebi que muitas delas aproximaram-se do Integralismo, participavam das atividades do núcleo de Bauru, diante da possibilidade de viver algo "novo", "moderno", diferente (Possas, 2000).

No entanto a agremiação ao fazer questão de ressaltar que esses novos tempos havia criado uma "mulher superior" (distinta da mulher comunista e liberal norte-americana), que poderia cursar as Faculdades, transformando o seu espírito, participando e lutando na vida cotidiana ao lado dos homens com estímulo e alegria, mais jamais se esquecendo de sua condição de mãe, esposa, filha[15]. Com esse proselitismo defendia que a condição da mulher evoluiu graças à "revolução espiritual" realizada no âmbito do cristianismo e não pelas "lutas femininas por igualdade de direitos"; "o desenvolvimento da civilização (cristã) libertou a mulher dos preconceitos, colocando-a no mesmo plano intelectual dos homens e fazendo dela deputada, jurista, escritora, médica".

Esse discurso era devidamente incorporado pelas militantes que ocuparam funções de liderança junto à Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina/ SNAF, criada em 1936[16]. E nas várias funções de caráter oficial que ocupavam na qualidade de membros efetivos as "*blusas verdes*" tomavam a palavra, como foi o caso de Nair Nilza Peres:

> *"O Integralismo... dará a mulher mais liberdade, libertando-a dos infinitos preconceitos sociais em que ela se emaranha, que a subjugam e que lhe impede de dizer alto e bom som o que pensa , o que sente, o que aspira.*
>
> *...O Integralismo fará da nossa mulher – boneca de Sévres – a mulher culta, inteligentes, útil à sociedade" (*"Anauê", 07/1936)

Nair era uma daquelas militantes intelectualizadas, pois eram poucas, que em seus escritos com argumentos anti-feministas, anti-comunistas e nitidamente cristãos tentava atrair as donas de casa e as mulheres que naquele momento adentravam ao mundo do trabalho e lutavam por seus direitos políticos diante do direito ao voto garantido no país em 1934.

No entanto apesar dessa tendência progressista ela reforçava o símbolo do marianismo, da sagrada missão da maternidade e da pureza feminina que o discurso integralista exigia:

> " *Nos queremos a mulher feminil, tendo sempre um carinho para o velho pai, um sorriso incentivante para o esposo, um afago para o filhinho. A mulher integral terá: cérebro de homem, físico de mulher, coração de criança*[17].

[15] Da Silva Bulhões, Tatiana (2006) "As 'camisas-verdes' e a imagem: As representações de feminino na Ação Integralista Brasileira através da fotografia. Rio de Janeiro. *Revista Eletrÿnica Boletim do TEMPO*, Ano 01, nº 07.

[16] Regimento da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina/ SNAF foi aprovado em 10/08/1936. A SNAF e da Juventude tinham por objetivo "*orientar, dirigir, controlar e arregimentar todo o trabalho da Mulher e da Juventude Integralista* (Regimento, capítulo L, Art.1º).

[17] O Integralismo e a Mulher, Nair Nilza Perez, especial para a revista "Anauê", de julho de 1936, p. 8.

Integralistas do Núcleo da Gamboa, Rio de Janeiro, DF. (Fonte: Sombra; Guerra, 1998).

Esses apelos e chamados a AIB conseguiu reunir uma significativa parcela da sociedade, de moças e senhoras para o seu movimento. Em todo o país verifica-se que houve uma mobilização feminina, conforme atestam as centenas imagens reproduzidas. Elas, as militantes se apropriaram dos fundamentos ideológicos e políticos que foram traduzidos em valores e comportamentos disciplinados pela agremiação.

A vida da militância não se restringia uma visibilidade pública. Um sistema bastante rígido de relações hierárquicas desenvolvia-se por meio de um discurso simbólico, materializado por imagens e representações,além de uma cênica espetacular que definia as práticas, as experiências, incluindo a forma de vestir e falar, a gestualidade, que penetravam as dimensões mais íntimas e privadas do cotidiano, como a regulamentação dos batizados, casamentos, aniversários e falecimentos (Possas, 2004; Lopes, 2006).

.

Casamento de Adolfo Kist, Resende, RJ. (Fonte: Sombra; Guerra, 1998).

No recôndito do lar as mulheres, ainda sem opção de participação política organizada foram arregimentadas por outras maneiras. O discurso ideológico se inseria também em suas práticas diárias como na decoração das louças, dos adereços pessoais, como jóias que eram ornadas com o SIGMA fazendo parte do dia à dia feminino e masculino.

A insígnia do Sigma estava presente no cotidiano, nos hábito diários de tomar chá ou café. (Fonte: Sombra; Guerra, 1998).

Desta maneira as blusas verdes foram cooptadas e uma rede de militância feminina e de informações foi ampliada, de modo que a Direção Nacional recebia relatórios, estatísticas, correspondências sobre todas "*as militantes, suas atitudes e as atividades da mulher integralista inscrita em face de suas obrigações*". (Regimento, Parágrafo 1 do Art.7º).

No Departamento Feminino em seus núcleos regionais elas possuíam uma ampla atuação e recebiam aulas de ginástica, prática de esportes para o sexo feminino, atividades de alfabetização para aquelas que não tiveram acesso a escolaridade, noções de enfermagem, puericultura: também cursos de datilografia, culinária e corte e costura. Lições de boas maneiras e contabilidade caseira, com o a economia doméstica nõa podia faltar nesse currículo . Cursos especializados em Sociologia, Psicologia e Pedagogia foram oferecidos, além de um cronograma de conferências sobre economia –social, geografia humana, literatura, arte e formação moral e cívica.

Essas atividades de caráter político-ideológico deveriam formar uma nova geração de mulheres brasileiras, consolidando, em primeira instância, um tipo de ação social para a defesa e a manutenção dos fundamentos da família cristã brasileira.

> " (...)*criar uma consciência feminina" no Brasil, de acordo com os princípios da doutrina integralista, e uma atitude feminina ordenada, em todos os campos que lhes são próprios, despertando e habilitando assim a mulher brasileira para o cumprimento de sua missão na Família e na Pátria*"[18].

Mais, além de manterem-se restritas à um espaço previamente delimitado para as militantes, que forma de inserção política assumiram em uma agremiação com funções e hierarquias tão exemplares?

Na correspondência que algumas blusas verdes mantiveram com Plínio Salgado, Chefe Nacional da AIB foi possível evidenciar de maneira mais concreta como se articulavam as relações pessoais, de tratamento muitas vezes subjetivo e de cunho doméstico, privado com relações mais oficiais exigidas dentro do partido. Percebe-se que há uma dualidade de posições das militantes: algumas apreenderam a conjuntura de crise política do país, principalmente a partir de 1937, emitindo opiniões e propondo alternativas de resistência e de luta organizada frente ao golpe dado por Getulio Vargas; enquanto outras utilizavam o movimento para sobreviver frente as dificuldades financeiras.

Dentre essas cartas femininas gostaria de ressaltar duas delas devido aos distintos conteúdos. Uma delas demonstra uma relação de pessoalidade entre a militância, principalmente de baixa renda, com a chefia da AIB, na pessoa de Plínio Salgado. Era uma missiva dirigida ao "meu chefe Nacional", em 4/10/1937 pela "companheira" Sebastiana Maria Santiago, do núcleo da Penha no Espírito Santo. Em uma linguagem simples e com muitos erros gramaticais e de concordância verbal ela solicitava a importância de 200$000 (duzentos mil reis) para remediar uma situação de grande necessidade e de penúria que passava em companhia de sua "velha mãe, muito pobre". Após uma argumentação repleta de elogios e certa veneração ao chefe, concluía, apelando para o "coração bondoso que me atenda pelo amor da Pátria e de Deus", dando o endereço e estipulando um prazo para o recebimento da quantia solicitada.

O teor dessa carta expõe traços de subjetividade e de dependência econômica feminina frente a um provedor homem, nesse caso o líder político. Pelo seu caráter mais privado, pessoal pode-se mesmo afirmar, íntimo, na medida em que não só expunha uma militância

[18] Segundo o regulamento da Secretaria de Arregimentação Feminina de 1936

feminina que adentrava ao movimento sem as condições financeiras mínimas para pagar as mensalidades, "*estou com o meu pagamento atrazado no núcleo a 3 mezez e não tenho de onde tirar...*" como a presença de relações clientelistas que a AIB deveria inclusive incentivar. Não sei dizer se a solicitação de Sebastiana foi atendida, porém esse registro documental permaneceu, único, no conjunto da correspondência recebida por Plínio Salgado. Ela é uma prova clara de como, ainda naqueles idos de 30, a presença feminina em uma agremiação política, ainda mantinha práticas tradicionais traduzidas pela ingerência do masculino provendo o doméstico.

A outra carta enviada em 13/11/1937, três dia após o golpe e instalação do Estado Novo (1937-1945), por uma militante que se denominou "*Integralista de coração*" estava dirigida à D. Carmela Patti Salgado[19], embora o conteúdo e as preocupações centrais estivessem totalmente voltadas para a pessoa do Chefe Nacional.

Diante do clima de "rasteira passada" por Getúlio Vargas aos propósitos da AIB que pretendia alçar ao poder da República via eleições, a militante encaminha a missiva onde se entrelaçam o misticismo religioso católico, próprio da educação de uma moça de suas origens rurais e uma compreensão equivocada do momento político, onde ela ressalta a presença de judeus, dos comunistas como as imagens de perigo eminente. Ela está preocupada com o desenrolar dos acontecimentos e sugere que Plínio Salgado não resistisse ao golpe, "*porque não vencerá, porque foi me revelado em sonho*". "*...O nosso Plínio não pode agora tomar as rédeas do governo porque os ódios são muitos!!! políticos, judeus e comunistas!!! haveria luta e não pequena*". Aconselha, no final, a medida da conciliação com o governo e para tal, pedia a proteção divina.

A carta era escrita em linguagem esmerada e com uma caligrafia bem torneada e treinada, demonstrando que a sua autora possuía uma educação formal e uma formação intelectualizada. No entanto, a sua avaliação do momento político e do futuro e a organização do país foi conduzida pela crença, pelo messianismo quando fala da necessidade de uma oração que deveria ser realizada à noite, ao deitar-se, como também do sonho revelador.

[19] Carmela Patti era filha de fazendeiros residentes em Taquaritinga. Ela, como militante integralista era presidente do Deptº de Arregimentação Feminina do núcleo local da cidade mantinha com Plínio Salgado "assídua correspondência" (Possas, 2004: 269).

Neste sentido a ficção e razão convergiram para o entendimento possível dos acontecimentos, onde, no caso a militante, não quer ficar à margem das decisões. Há a contradição, entre o concreto/abstrato, o real/sobrenatural que reforça uma síntese explicativa que faz parte da cultura política do país, de nossa tragédia e das especificidades de como as relações de gênero foram sendo tecidas frente a real participação política feminina no cenário nacional.

Essa correspondência possibilita perceber de que maneira as mulheres na condição de blusas verdes tiveram uma inserção política, embora ainda muito mediada por práticas arcaicas que as atrelavam as funções domesticas e do âmbito privado. Evidenciava ainda que as relações políticas com as militância feminina envolvia uma rede de pessoas, de famílias e de troca de favores e préstimos pessoais. Porém a AIB com o seu discurso conseguiu captar as novas relações de gênero onde enfatizava*: "a faculdade perceptiva feminina é mais aperfeiçoada que o homem. Daí seu papel na educação do próprio homem*";

Estava em discussão nos anos 30 a revisão dos papéis e atributos femininos diante do cosmopolitismo avassalador nas cidades e das novas exigências de uma sociedade que se industrializava diversificando o mercado e trabalho.

Com isso foi criado um espaço político de novas oportunidades para muitas mulheres, principalmente as solteiras e de segmentos médios, onde o casamento não era uma possibilidade imediata ou mesmo possível para algumas. Elas aderiram ao movimento diante de uma maior visibilidade e oportunidade de participação política e mesmo que disciplinadas e com exigências para se manterem fieis ao papéis tradicionais junto à família e na sociedade conseguiram recrutar , arregimentar outras mulheres tendo em vista um projeto político de nação.

Assim de total obediência exigida nos protocolos e regimentos houve brechas para que pudessem pensar que *"O Integralismo fará de nos mulher culta, inteligente, útil à sociedade*" (Nair Nilza Peres, 1936).

AS MARCHADEIRAS "*NÃO TEMEMOS, NEM RECUAREMOS! A NOSSA POSIÇÃO É IRREVERSÍVEL! QUE DEUS NOS AJUDE A MANTÊ-LA".*
(Manifesto da CAMDE/ 1962)

Essas foram as palavras de ordem de uma das entidades políticas femininas, a *Campanha da Mulher pela Democracia/CAMDE* lançada oficialmente em 12 de julho de 1962, no Rio de Janeiro, com intuito de protestar contra o que denominavam o "perigo vermelho" que ameaçava as instituições democráticas e a família brasileira[20]. Com o rosário nas mãos defensoras ferrenhas dos valores cristãos adentraram às ruas cientes de sua natureza feminina, mais decididas a dar a sua contribuição para "salvar" a Pátria.

Os anos 60 foi uma década de contestações, rebeldias e distintas formas de repressão política, mas também associada à movimentos de mudanças e de novos protagonismos. Mulheres ganham visibilidade na cena política. O momento era de Guerra Fria que dividiu o mundo em dois blocos ideológicos e de lideranças antagônicas, os soviéticos e norte americanos.

Foi uma época de extraordinários acontecimentos que colocou em xeque a visão sobre as coisas, os comportamentos e valores e que refletiram inclusive sobre o sentido da verdade das ciências, questionando principalmente as diferenças existentes entre pessoas, entre classes sociais e entre os sexos. Os movimentos pacifistas contra a guerra do Vietnã com a presença das manifestações dos *hippies*; as lutas por direitos civis e políticos, no caso dos negros norte americanos e das feministas envolvidas com questões de igualdade e o fim da discriminação das mulheres; as alterações de comportamentos entre homens e mulheres provocadas pelo acesso a pílula garantindo maior liberdade sexual foram alguns fatos desse espantoso movimento de mudanças . Depois de 60 o mundo não seria o mesmo!!!

No Brasil essa década também teria seus efeitos e desdobramentos a partir da transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília (abril de 1960), da vitoria brasileira na Copa do Mundo em 1962, do progresso tecnológico com a instalação da primeira transmissão em cores da televisão em maio de 1963, do movimento da Música Popular Brasileira com os

[20] Manifesto da CAMDE/ Campanha da Mulher pela Democracia, entidade feminina criada em junho de 1962 no Rio de Janeiro. Entidade feminina anti- comunista , "apartidário" e pela defesa da democracia (Simões, 1985: 145-146).

festivais, a bossa nova e o tropicalismo culminando com o golpe de 64 que instituiu uma ferrenha ditadura militar.

Esse contexto teve origens e foi aguçado com a renuncia de Jânio Quadros em agosto de 1961, que diante dos inflamados discursos e projetos de varias facções de tendências político-ideológicas antagônicas, criaram uma clima de desestabilização na sociedade deixando atônitos as mulheres e todos os brasileiros (Cordeiro, 2008: 3). As reformas econômicas, sociais e políticas inauguradas pelo governo de Jango Goulart, vice presidente eleito e herdeiro da tradição getulista reinaugurou a tática populista centrada, agora em interesses dispares e de difícil conciliação entre os segmentos dos trabalhadores e dos detentores do capital. Reformas de base, de caráter nacionalista implementadas pelo governo passaram a ameaçar os interesses multinacionais, agora associados as elites empresariais brasileiras e os militares.

Para combater a mobilização dos trabalhadores urbanos e rurais, os movimentos sindicalistas que compunham a frente nacional – reformista, base do governo Goulart implementou-se a organização de um complexo de oposição através de dois órgãos: o IPES/IBAD. Eram eles o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática, organismos que reunia a elite econômica, militar e intelectual brasileira associada ao capital estrangeiro.

Seu maior propósito foi criar um clima político de desestabilização do governo, com o apoio dos segmentos médios insatisfeitos com as perdas sociais e econômicas diante do processo inflacionário.

Foi nesse cenário de crise que movimentos de mulheres organizados politicamente surgem inaugurando novos protagonismos.

Na condição de *mulher, mãe, dona de casa* brasileira irrompem o cenário político nacional decididas a deixar o "recôndito do lar" para lançar-se ao espaço público, as praças e ruas em grande campanhas e manifestações políticas (Simões, 1985: 27).

Foram vários os movimentos de mulheres que se organizaram em todo o país. Formaram associações, entidades femininas de significativa expressão numérica que sem propalar a condição de cidadãs, assumiram um papel político exaltando e agindo em nome da representação santificada de "mães".

A primeira a conceber seus estatutos em 1961 foi a UCF/ União Cívica Feminina em São Paulo[21], seguida da CAMDE, na cidade do Rio de Janeiro, então no Estado da Guanabara[22] que logo expandiu seus núcleos em vários bairros da cidade e em Niterói e Petrópolis no Estado do Rio; e no turbilhão dos confrontos no ano e meses que antecederam o golpe de 1964 foram instaladas a LIMDE/Liga da Mulher Democrática em Belo Horizonte tendo à frente mulheres representantes das elites mineiras tanto civil como militar, a CDF/ Cruzada Democrática Feminina que reuniu a mais alta estirpe social do Recife e a ADFG/Ação Democrática Feminina Gaucha alavancada pela mulher do governador do Rio Grande do Sul.

A CAMDE(1962), do Rio de Janeiro e seus membros que reuniam mulheres de varias idades e que tiveram uma atuação política significativa de preparação da opinião pública a favor do golpe militar .Nossa História, ano1, março/2004, p.40-41

Conscientes de sua força enquanto mães de famílias brasileiras de norte a sul do país e de sua imagem de donas de casa preocupadas com o destino da sociedade e do povo propalaram um discurso político com forte apelo emocional de salvação da pátria.

A partir da "mística feminina", como seres sensíveis e emotivas por natureza se colocaram à disposição de liderar movimentos de conscientização nacional e de opinião pública a favor do golpe militar considerado como estratégia saneadora para colocar o país "nos trilhos":

[21] A "mulher brasileira" em ação: motivações e imperativos para o golpe de 1964, dissertação de Sestini, Drahana Perola Ricardo, 2008, USP/Digital Library.

[22] A criação de "uma cidade-estado" da Guanabara, desde 1960, foi aprovada no plebiscito de 21 de abril de 1963 sendo uma estrategia de intervenção dos grupos contra o governo Gourlart, para garantir a sede de oposição politica na cidade do Rio de Janeiro que foi desvinculada do Estado do Rio de Janeiro cuja capital passou a ser em Niterói até 1974 quando houve a fusão.

> De modo que nos fomos incumbidas, as mulheres de fazer uma divulgação, de mudar a mentalidade, mostrar as mulheres o que estava passando no Brasil e começar a fazer uma opinião pública realmente atuante. Nos sabíamos que como nós estávamos incumbidas da opinião publicam os militares estavam a espera do amadurecimento da opinião pública. Porque sem isso eles não agiriam de maneira nenhuma. A não ser que a opinião publica pedisse. E foi isso que nós conseguimos"[23].

Essas mulheres líderes das entidades e aquelas que foram arregimentadas no decorrer das manifestações para adentrar a esfera política, o fizeram através dos apelos dos maridos, irmãos que atuavam na condição de empresários e militares, na maioria membros do IPES, e recebendo o apoio total da Igreja em um projeto de intervenção armada contra o governo de Gourlart.

Os movimentos femininos organizados, definidos em cartas de princípios tiveram como incumbência manter uma espécie de "vigilância" rigorosa para todo e qualquer ato do governo. Dessa maneira elas passaram a denunciar qualquer ação julgada de natureza subversiva e de infiltração comunista no país.

E sempre com grande estardalhaço rompiam o espaço público contando com o apoio dos meios de comunicação que davam destaque para as suas intervenções em primeira página, como foi o caso do jornal O Globo, do Rio de Janeiro ao propalar: *A Mulher Brasileira está nas Trincheiras*[24] para "defenderem seus lares e seus filhos num movimento de preservação do lar e da família que estariam ameaçados por uma minoria subversiva".

No caso dessa manifestação e campanha tiveram o apoio indireto dos membros do IPES, que contando com a força mobilizadora das mulheres da CAMDE, já em franca expansão se colocaram ferreamente contra a nomeação do professor universitário San Tiago Dantas, identificado como subversivo ao aproximar-se de setores nacionalista e de esquerda do Parlamento, além dos sindicalistas.

Com uma força mobilizadora incrível os movimentos femininos passaram à luta contra o comunismo e o governo legal de Goulart considerado ideologicamente de esquerda. Através de suas redes, criando um sistema de cadeia de cartas, inclusive telefônica faziam circular informações, notícias e comandos de ação:

[23] Depoimento de Eudoxia Ribeiro Dantas, uma das lideres da CAMDE, do Rio de Janeiro (Simões, 1985: 39-40).
[24] O Globo de 12 de junho de 1962, quando as mulheres filiadas a CAMDE foram protestar contra a indicação de San Tiago Dantas, pelo presidente João Goulart, ainda na fase parlamentarista de governo, para ocupar o cargo de 1º Ministro (Simões, 1985: 31).

> (...) pediam a cada senhora que recebesse a proclamação que a mandasse para cinco pessoas, pedindo ainda que cada uma delas que mandasse para mais cinco". (Histórico da CAMDE. Simões:1985: 58).

Esse sistema operacional, conhecido como um método eficiente foi denominado nos círculos internos das entidades de "revolução telefônica", responsável por ter mobilizado mais de 35 mil mulheres em uma hora, para a "Marcha" que seria realizada no dia 19 de março de 1964, na Praça da República:

> "Eu estou telefonando da parte da dona Leonor Mendes de Barros, esposa do governador do Estado de São Paulo. Dona Leonor deseja pedir à dona de casa, na quinta feira próxima, dia 19 na Praça da República para tomar parte da "Marcha da Família com Deus pela Liberdade". Dona Leonor espera vê-la às 4 hs da tarde, quinta feira na Praça da República".(Sestini, 2008: 78)

A "marcha" do dia 19 de março obteve ampla adesão popular na cidade de São Paulo e imediatamente teve efeito cascata atingindo as demais cidades, provocando comícios, organizando caravanas e novas "marchas". Garantidas por um reforço policial sofisticado e material dos governos locais e legitimadas como defensoras da Pátria pela adesão dos grandes contingentes de mulheres e homens tornaram-se as representantes da opinião pública.

Em frente à catedral da Sé, na região central de São Paulo, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em 19 de março de 1964. Imagens Históricas/UOL-Educação

Essas estratégias de mobilização e ação política tinham sido inauguradas anteriormente diante dos apelos das "Cruzadas do Rosário"[25] à toda população católica e conseguiu com

[25] A *Cruzada do Rosário em Família*, foi um movimento fundado pelas pregações do padre Patrick Peyton (1909/Irlanda- 1992/California), que chegou ao Brasil no final de 1962, autorizado pela Igreja Católica visando com esse ato religioso agludinar as famílias em torno da oração. http://www.eduquenet.net/rev64.htm- acessado em 4/07/2011

sucesso reunir mais de 500 mil pessoas em Belo Horizonte e 1 mil na cidade do Rio de Janeiro[26].

As "Cruzadas do Rosário" movimento religioso incentivadas pelo Pe. Peyton que mobilizou mulheres da elite brasileira e grande parte da população católica.

As lideranças femininas das distintas organizações conseguiram dessa maneira situar-se no espaço público e político com variadas estratégias de arregimentação e mobilização. Elas saíram das elites e dos segmentos médios urbanos e exaltando a condição de "mulheres-mães", brasileiras e cristãs assumiram uma declaração de princípios evocando "uma nova ordem social, política e econômica informada pela justiça e caridades cristãs", a partir de diretivas emanadas do Evangelho de Cristo"[27].

Foi durante o mês de março de 1964 que as "*Marchas da Família com Deus pela Liberdade*", comandadas pela "marchadeiras" de plantão, ganharam densidade diante das multidões arregimentadas e com divulgação e a visibilidade necessárias garantida pela grande imprensa. Articuladas aos golpistas eram patrocinadas pelos empresários, militares, entidades civis associados aos governos estaduais e municipais e contavam com o apoio de religiosos. As marchas eram realizadas nas vias centrais das cidades tendo como referências as igrejas e monumentos históricos (Simões, 1985: 106).

As mulheres "marchadeiras" foram, segundo os articuladores do golpe de 64, as desencadeadoras do processo de desestabilização do governo, garantindo a opinião pública para a legitimação de uma intervenção militar que duraria 20 anos. Sua maneira *espontânea* e *voluntaria* de ação justificada pelos sentimentos e valores de amor à Pátria, o dever cívico, o

[26] Notícias veiculadas pelo O Globo em 15 de maio de 1963 (Simões, 1985: 91).
[27] Declaração de Princípios/LIMDE (Simões, 1985: 150-151).

respeito a Deus e o culto a família transformaram aquelas iniciativas em poderosos instrumentos de ação política.

E diante do apelos de um populismo radical voltados para as reformas de base do governo, sendo uma delas a reforma Agrária, propaladas com veemência na retórica de cunho emocional de Jango Goulart no Comício da Central do Brasil, em 13 de março, tiveram elas , as marchadeiras espaço necessário para agir em 31 de março de 1964, com a queda do presidente e festejar na famosa Marcha da Vitoria no Rio de Janeiro, em 2 de abril de 1964 .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recuperando as trajetórias históricas das *blusas verdes* e das *marchadeiras*, respeitadas as devidas temporalidades e processos históricos específicos vivenciados pela sociedade brasileira, observa-se que houve protagonismos femininos, ações intencionalizadas despertando para uma maior inserção no espaço público e político.

Para tanto não assumi determinadas referências e modelos quanto a uma militância organizada, principalmente daquelas mulheres que se viram arregimentadas por agremiações políticas de distintas filiações ideológicas e envolvidas na luta armada contra o regime militar.

Isso posto é interessante refletir com mais liberdade sobre essas categorias de mulheres. E em um primeiro momento foram arregimentadas para atender à projetos políticos fora do seu alcance e ao atender os chamados se descobriram no desenrolar dos vividos e nas experiências onde foi possível conciliar o privado/doméstico, "a rainha do lar" e o publico/rua.

Assim cada uma delas, assumindo-se como blusas verdes e as marchadeiras vislumbraram, interiorizaram possibilidades de novos papéis femininos, de identidades a partir das subjetividades forjadas em uma ação política até então ausentes de sua missão materna.

> Elas se descobriram... e avaliaram a sua potencialidade para uma participação política: na construção de um Estado Integral que manteria a ordem através da hierarquização da sociedade, segundo os pressupostos do projeto da AIB "Vesti a camisa verde de que me orgulho, porque embora mulher desejo contribuir para a salvação de minha pátria..." (Maria José Nunes, ferroviária da NOB, 1934); ou defendendo o novo Estado, onde (elas) "não poderiam permanecer indiferentes quando os inimigos da nossa pátria procuram,

> friamente destruir as suas instituições e os valores cristãos que assentam os seus alicerces. (Mulheres da CAMDE, 1962).

Vivenciaram processos distintos de um empoderamento feminino, ao articular, "clandestinamente" as ações que lhes deram origem, tanto como "militantes" de uma partido organizado ou como membros de entidades femininas. Criaram critérios de admissão para uma seleção pré concebida e seletiva das lideranças nos meios das elites; propuseram estratégias para a formação dos seus quadros com palestras, cursos e vivências junto aos segmentos populares. Souberam resignificar as suas redes familiares e domesticas como a cadeia telefônica e os "abaixo-assinados transformando-os em técnica de arregimentação, mobilização e atuação política.

Ainda ocuparam espaços públicos, institucionais como o Congresso, governo Estadual e Municipal, as sedes de jornais e, no caso das marchadeiras, souberam utilizar da televisão introduzida no país desde 1950, ganhando visibilidade e sendo o fundamento de credibilidade e legitimidade para os as ações políticas e golpistas que estavam em fermentação tanto em 30 como depois, em 60.

Com certeza, cada uma delas, em temporalidades distintas, consolidaram e projetaram os movimentos/grupos femininos na esfera do político e que ainda nos dias atuais se fazem presentes no cenário nacional.

Sejam em ONGs, grupos religiosos e de oração convivem nesse limiar do milênio, com a agenda das feministas, que preconizando a garantia de direitos e do papel das mulheres na sociedade, "desnaturalizam" as diferenças entre os sexos como relações de poder e produto de construções sociais e culturais.

E, finalmente ao pensar em uma certa duração histórica, na tentativa de explicações para as permanências observáveis é possível inferir a partir do vivido e das experiências das blusas verdes e marchadeiras que muitas daquelas moças adolescentes nos idos do trinta tenham se transformado nas senhoras casadas das elites empresariais e militares do sessenta que em nome "da família, com Deus, pela liberdade" foram também responsáveis pela desestabilização do governo e de manifestação do golpe militar que institui uma das ditaduras mais longevas da America latina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bulhões, Tatiana da Silva (2006) "As 'camisas-verdes' e a imagem: As representações de feminino na Ação Integralista Brasileira através da fotografia", *Revista Eletrÿnica Boletim do TEMPO*, Ano 01, nº 07, Rio de Janeiro.

Cavalari, Rosa Maria Feiteiro (1999) *Integralismo – ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932 - 1937)*, Bauru-SP, EDUSC.

Cordeiro, Janaina Martins (2008) *A Nação que se salvou a si mesma". Entre a Memória e a História, a Campanha da Mulher pela Democracia (1962-1974),* Dissertação de Mestrado , UFF, Niterói. Acesso em fevereiro de 2011

Cordeiro, Janaina Martins (2009) "Femininas e Formidáveis: o publico e o privado na militância política da Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE)", *Revista Gênero***,** vol.8, pp. 175- 208.

Lopes, Daniel Henrique (2006) *As experiências femininas na AIB, 1932-1938 – Cultura, representações e cotidiano*, Dissertação de Mestrado, UNESP/Marília, mimeo.

Possas, L. M. V. (2004) "O Integralismo e a Mulher"*, Integralismo: Novos Estudos e Reinterpretações*. Rio Claro, Arquivo Municipal de Rio Claro.

Possas, L. M. V. (2004) "Vozes Femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-1938)" in De Castro Gomes, Ângela (org.) *Escrita de Si. Escrita da História*, Rio de Janeiro, Editora FGV, pp.257-277.

Sestini, Drarana (2008) *Perola Ricardo, A mulher brasileira em ação: motivações e imperativos para o golpe militar de 1964*, Dissertação de Mestrado, USP/Digital Library.

Simões, Solange de Deus (1985). *DEUS, Pátria e Família: as mulheres no golpe de 1964*, Petrópolis, Vozes.

Sombra, Luiz Henrique ; Guerra, Luis Felipe H. (1998) (orgs) *Imagens do sigma***,** Rio de Janeiro: Aperj.

Recepción: 25 de enero de 2012
Aceptación: 22 de abril de 2012